

Desigualdades De Gênero E O Impacto Na Saúde Mental Das Mulheres No Ambiente De Trabalho: Uma Abordagem Psicanalítica

GENDER INEQUALITIES AND THE IMPACT ON WOMEN'S MENTAL HEALTH IN THE WORKPLACE: A PSYCHOANALYTIC APPROACH

Débora Viana de Souza

Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas (Universidade Franciscana). Psicóloga (UNIJUI).

Edinaldo Enoque da Silva Junior

Doutorando (UNADES). Professor de História no Estado de Santa Catarina.

Luciane do Rossio Leal

Doutoranda em Ciências da Educação (FICS). Coordenadora de Relacionamento e professora na MUST University.

Taiza Gabriela Zanatta Crestani

Docente no curso de Psicologia da UNOESC. Mestre em Ciências Sociais pela UNIOESTE.

Resumo: Este artigo tematiza a desigualdade de gênero e a saúde mental no ambiente de trabalho à luz da abordagem psicanalítica de Freud e Lacan, destarte, busca-se compreender as dinâmicas psíquicas relacionadas à construção de gênero e o seu impacto nas relações de poder no local de trabalho. Fazendo uso do Complexo de Édipo de Freud como lente, o artigo explora dinâmicas familiares e sociais que contribuem para a reprodução de padrões desiguais no contexto profissional. Destaca-se a importância do papel do analista na transformação psíquica e social, evidenciando a necessidade de intervenções para auxiliar a profissional a lidar com desafios psicológicos e sociais. A teoria freudiana sobre a angústia é aplicada para entender a dimensão palpável da angústia na experiência da mulher no trabalho, usando os mecanismos de defesa como ferramentas analíticas. Portanto, a teorização da temática enriquece a compreensão das interações entre gênero, psique e ambiente profissional, contribuindo para uma reflexão crítica sobre estruturas que perpetuam desigualdades e promovendo caminhos para transformações significativas.

Palavras-chave: Desigualdade. Gênero. Psicanálise.

Abstract: This article discusses gender inequality and mental health in the workplace in the light of Freud's and Lacan's psychoanalytical approach, seeking to understand the psychic dynamics related to the construction of gender and its impact on power relations in the workplace. Using Freud's Oedipus Complex as a lens, the article explores family and social dynamics that contribute to the reproduction of unequal patterns in the professional context. It highlights the importance of the analyst's role in psychic and social transformation, highlighting the need for interventions to help professionals deal with psychological and social challenges. Freudian theory on distress is applied to understand the palpable dimension of distress in the experience of women at work, using defense mechanisms as analytical tools. Therefore, theorizing on the subject enriches the understanding of the interactions between gender, the psyche and the professional environment, contributing to a critical reflection on structures that perpetuate inequalities and promoting paths towards significant transformations.

Keywords: Inequality. Gender. Psychoanalysis.

Date of Submission: 12-06-2024

Date of Acceptance: 25-06-2024

I. Introdução

A presença de mulheres em ambientes profissionais tradicionalmente masculinos, é uma realidade que tem se expandido nas últimas décadas. Contudo, apesar dos avanços nas discussões sobre a igualdade de gênero, persistem desafios significativos para as mulheres que buscam se destacar e serem reconhecidas em campos profissionais historicamente dominados por homens.

As discussões teóricas apresentadas ao longo deste trabalho se fundamentam na abordagem psicanalítica de Freud e Lacan. Através da lente desses pensadores, buscamos compreender as dinâmicas psíquicas associadas à construção do gênero e como tais dinâmicas influenciam as relações de poder no ambiente de trabalho.

Inúmeras são as dificuldades que as mulheres possuem para serem valorizadas e reconhecidas no âmbito profissional, e isso nos remete diretamente às discussões sobre as desigualdades de gênero abordadas neste artigo. O desvelar do inconsciente nas relações de poder se torna evidente quando observamos as barreiras enfrentadas, revelando as normas e estereótipos que moldam as interações no ambiente profissional.

O Complexo de Édipo discutido por Freud, oferece uma lente para compreender as dinâmicas familiares e sociais que podem influenciar a psique, contribuindo para a reprodução de padrões desiguais no contexto profissional. A análise do papel do analista na transformação psíquica e social, apresentada neste artigo, ganha contornos práticos ao considerarmos a necessidade de intervenções que auxiliem a lidar com os desafios psicológicos e sociais que as mulheres enfrentam diariamente.

A angústia, como componente central na experiência de mulheres no ambiente de trabalho, assume uma dimensão palpável e notável no contexto contemporâneo. A teoria freudiana sobre a angústia e os mecanismos de defesa se tornam ferramentas analíticas essenciais para compreender as reações psíquicas frente às dificuldades enfrentadas. Portanto, à luz do referencial psicanalítico, visamos enriquecer o entendimento das complexas interações entre gênero, psique e ambiente profissional, contribuindo para uma reflexão crítica sobre as estruturas que perpetuam as desigualdades de gênero e promovendo caminhos para transformações significativas.

Introdução à Psicanálise e Gênero

A psicanálise, concebida por Sigmund Freud no final do século XIX, emerge como um campo de estudo que desafia as fronteiras da consciência humana, buscando compreender as forças inconscientes que moldam o comportamento. Neste primeiro momento propomos uma incursão mais voltada à interseção entre a psicanálise e a construção do gênero, ampliando o escopo para compreender as dinâmicas psíquicas que permeiam a identidade de gênero e suas consequências nas complexas tramas das relações sociais.

Nesse sentido, Freud, “[...] ao desenvolver suas teorias, delineou um mapa complexo do inconsciente, revelando impulsos instintivos frequentemente reprimidos que desempenham um papel crucial na formação da psique” (ARAN, 2006, p. 76). No contexto da construção do gênero, a teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual (FREUD, 1996a), emerge como uma chave interpretativa vital. A fase fálica, centrada no Complexo de Édipo (FREUD, 1996b), destaca a importância das experiências sexuais e das relações parentais iniciais na formação da identidade de gênero. Face ao exposto, ao mergulharmos nas teorias de Freud, destacamos a centralidade do Complexo de Édipo na formação da identidade de gênero. A fase fálica, com sua ênfase nas experiências sexuais infantis, representa um ponto crucial em que a criança começa a internalizar as normas de gênero predominantes em sua cultura. A relação com os pais torna-se um palco significativo onde se desenrolam as primeiras identificações, moldando as futuras relações com a masculinidade e a feminilidade (LATTANZIO, 2011).

Considerando a libido (FREUD, 1996c), na psicanálise freudiana, torna-se evidente que a sexualidade não é apenas um fenômeno biológico; é, igualmente, um constructo psicológico complexo. A identificação com o progenitor do mesmo sexo, essencial no Complexo de Édipo, serve como alicerce para a internalização das normas de gênero e o desenvolvimento da identidade de gênero. De forma análoga, “essa internalização, entrelaçada com a libido e os processos de repressão, cria as condições para a emergência da identidade de gênero conforme definida pelo contexto cultural” (LATTANZIO, 2011, p. 22).

Jacques Lacan (1985), posterior a Freud, adiciona camadas adicionais de complexidade à compreensão psicanalítica do gênero. Sua ênfase no registro simbólico e na linguagem como determinantes cruciais da psique proporciona uma perspectiva singular para analisar as construções sociais do gênero. O conceito de “Nome-do-Pai” de Lacan destaca a influência da autoridade paterna na formação da identidade, enquanto o espelho, na fase do espelho, delineia a busca constante pela imagem idealizada do eu, frequentemente moldada por normas de gênero preexistentes (AZERÉDO, 2010). Nesse sentido:

Jacques Lacan, herdeiro crítico de Freud, amplia a discussão ao introduzir o conceito de ‘Nome-do-Pai’ e o papel do simbólico na construção da identidade. O Nome-do-Pai representa a autoridade simbólica que organiza a ordem social e estabelece normas de gênero. No entanto, a busca pela identidade idealizada, simbolizada pela fase do espelho, destaca a tensão constante entre a percepção interna e as expectativas externas (AZERÉDO, 2010, p. 90).

A construção da identidade de gênero, à luz das teorias freudianas e lacanianas, não se desenrola isoladamente. O ambiente social atua como um palco onde as narrativas de gênero se manifestam e se desdobram. Expectativas culturais, normas sociais e relações interpessoais tornam-se elementos contextuais que moldam e restringem a expressão da identidade de gênero. No entanto, a psicanálise também alerta para as contradições inerentes à formação da identidade de gênero. A resistência do inconsciente às normas sociais e a presença de impulsos reprimidos muitas vezes geram tensões psíquicas, refletindo-se nas complexidades da experiência de gênero. A análise psicanalítica da identidade de gênero não apenas reconhece a influência do ambiente social, mas também destaca as lutas internas que ocorrem na busca por uma identidade autêntica. Sobre a Construção da identidade de gênero, Dimen (2007, p. 129) aponta que:

A construção da identidade de gênero [...], não ocorre em um vácuo, mas é profundamente enraizada no contexto social. As inter-relações culturais, as normas sociais e as relações delas resultantes, se tornam os ingredientes contextuais que moldam e, muitas vezes, restringem a expressão da identidade de gênero. A sociedade, em si mesma, é um ator coletivo na psique, influenciando o modo como indivíduos internalizam e expressam sua identidade de gênero.

A psicanálise, nesse contexto, oferece uma lente única para compreender as nuances da construção do gênero, ultrapassando abordagens tradicionais que por vezes negligenciam as dimensões inconscientes e simbólicas. Ao destacar os elementos psíquicos que permeiam a formação da identidade de gênero, a psicanálise proporciona uma compreensão mais completa e integrada das dinâmicas que moldam as experiências individuais e sociais. Contudo, a psicanálise também nos alerta para as contradições inerentes à formação da identidade de gênero. A resistência do inconsciente às normas sociais e a presença de impulsos reprimidos geram tensões psíquicas. Estas, por sua vez, manifestam-se nas complexidades da experiência de gênero, onde os indivíduos se veem confrontados não apenas com as expectativas externas, mas também com suas próprias lutas internas. Segundo Ciccarelli, (2010), a análise psicanalítica da identidade de gênero não é apenas um exercício de observação externa, mas uma imersão nas profundezas da psique. A compreensão da formação da identidade de gênero vai além das influências externas, explorando as camadas mais profundas da psique humana, onde os conflitos e resistências se manifestam.

Em resumo, a exploração da base teórica da psicanálise em relação ao gênero revela um terreno fértil para compreender a complexidade da identidade de gênero e suas implicações nas relações sociais. Os conceitos fundamentais de Freud (FREUD, 1996b; FREUD, 1996a) e Lacan (1999, 1992), oferecem uma estrutura teórica robusta que lança luz sobre as forças psíquicas que moldam as percepções individuais do gênero e, por extensão, influenciam as dinâmicas sociais mais amplas. Nesse sentido,

[...] a investigação da base teórica da psicanálise em relação ao gênero revela um panorama intrincado e multifacetado da formação da identidade. Os princípios fundamentais elaborados por Freud e Lacan não apenas estabelecem uma estrutura teórica substancial, mas também iluminam as forças psíquicas que moldam as percepções individuais de gênero. Essa análise aprofundada oferece um sólido alicerce para a compreensão das desigualdades de gênero e de como essas disparidades impactam a saúde mental das mulheres no contexto profissional (CICCARELLI, 2010, p. 17).

Essa análise aprofundada fornece um alicerce sólido para explorar as desigualdades de gênero e seu impacto na saúde mental das mulheres no ambiente de trabalho, como será posteriormente abordado neste artigo.

Desvelando o inconsciente nas relações de poder

No âmago da análise psicanalítica das relações de gênero no contexto laboral, a teoria laciana desempenha um papel central ao explorar a dinâmica das estruturas simbólicas e como estas delineiam as desigualdades de poder. Outrossim, Lacan, ao expandir as ideias de Freud, “[...] introduz o conceito do simbólico como uma dimensão complexa e multifacetada da psique humana, onde as normas sociais, linguagem e representações simbólicas desempenham papéis decisivos” (SANTOS, 2019, p. 22).

No seio do ambiente de trabalho, as desigualdades de gênero são manifestações complexas que encontram raízes profundas nas estruturas simbólicas delineadas pela psicanálise, especialmente as contribuições de Jacques Lacan (1985). Este mergulho nas complexas teias de significados simbólicos que permeiam o local de trabalho nos conduz a uma compreensão mais profunda das relações de poder e seus impactos na saúde mental das mulheres.

Nesse sentido, Saffioti (2015) afirma que Lacan, ao introduzir a noção de simbólico, destaca como a linguagem e os símbolos compartilhados moldam nossa compreensão do mundo e das relações sociais. No contexto do ambiente de trabalho, esse simbólico é profundamente enraizado em normas de gênero que atribuem

significados específicos às identidades femininas e masculinas. As mulheres, assim, são frequentemente submetidas a uma linguagem simbólica que reforça estereótipos de gênero, limitando suas possibilidades de expressão e progressão profissional.

As estruturas simbólicas no ambiente de trabalho, conforme delineadas por Lacan (2008), atuam como mecanismos que refletem e perpetuam as hierarquias de gênero. A linguagem, nesse contexto, não é apenas um veículo de comunicação, mas um sistema de significados que atribui valores específicos às identidades de gênero. As mulheres muitas vezes são submetidas a uma linguagem simbólica que as representa em termos de estereótipos tradicionais, limitando suas oportunidades e moldando a percepção coletiva sobre suas competências. A interconexão entre estruturas simbólicas e desigualdades de gênero se torna evidente na análise da construção de papéis e expectativas no ambiente de trabalho. Para Scott (1990, p. 77):

A atribuição simbólica de certas características como ‘femininas’ e outras como ‘masculinas’ contribui para a formação de hierarquias e para a perpetuação de estereótipos que afetam a maneira como as mulheres são percebidas e tratadas no contexto profissional. Essas categorizações simbólicas não apenas moldam as oportunidades de carreira, mas também influenciam a autoimagem e a autoestima das mulheres.

Nesse sentido, “[...] o conceito lacaniano do falo como símbolo fálico, representando o poder masculino, torna-se particularmente relevante na análise das desigualdades de gênero no ambiente profissional” (SCOTT, 1990, p. 65). A associação histórica entre poder e masculinidade é refletida nas estruturas simbólicas que permeiam as organizações. A presença predominante de homens em cargos de liderança, juntamente com a linguagem simbólica que atribui características “fálicas” ao sucesso profissional, contribui para a construção de barreiras que limitam as mulheres no avanço de suas carreiras. Assim sendo:

No ambiente de trabalho, a estrutura simbólica muitas vezes simboliza o poder como masculino, contribuindo para a escassez de mulheres em cargos de liderança. O falo, como símbolo fálico, torna-se uma representação visual dessa assimetria, marcando as posições de poder como inerentemente masculinas. Essa associação simbólica não apenas dificulta a ascensão das mulheres em hierarquias organizacionais, mas também influencia a percepção delas sobre seu próprio valor e competência profissional (SCOTT, 1990, p. 75).

A internalização dessas estruturas simbólicas por parte das mulheres não ocorre em isolamento. Ela é moldada por uma interação complexa entre as mensagens culturais, as expectativas profissionais e as experiências individuais. As mulheres, ao internalizarem símbolos que as situam em uma posição subalterna, muitas vezes enfrentam conflitos psíquicos, como observa Freud (1996c). A tensão entre a busca por reconhecimento profissional e a internalização de normas de gênero discriminatórias pode resultar em uma luta interna, refletindo-se em desafios de saúde mental, como ansiedade e depressão. Alguns dos reflexos desses conflitos (BASTOS, 2003), esses conflitos muitas vezes se manifestam em formas de ansiedade, depressão e outros desafios de saúde mental. A imposição de normas simbólicas de gênero cria um ambiente psicossocial carregado, onde as mulheres precisam navegar não apenas desafios profissionais, mas também a complexidade de suas próprias psiques diante de estruturas simbólicas discriminatórias.

A dinâmica do inconsciente coletivo, conforme explorada pela psicanálise, é particularmente pertinente quando se examinam as relações de poder no ambiente de trabalho (FREUD, 1996c). As tensões entre as buscas por estruturas simbólicas, ao longo do tempo, tornam-se parte da cultura organizacional, influenciando atitudes, políticas internas e práticas de gestão. Essa herança simbólica contribui para a continuidade das desigualdades de gênero, criando um ciclo que se retroalimenta à medida que as novas gerações absorvem e reproduzem essas normas. A análise psicanalítica, ao desvelar o inconsciente nas relações de poder, vai além da observação de dinâmicas superficiais, adentrando as profundezas das psiques individuais e coletivas. Não obstante, a “[...] simbolização do poder e das identidades de gênero não é apenas um fenômeno observável, mas uma força motriz que influencia a experiência humana de maneiras intrincadas” (BIRMAN, 1998, p. 64).

Além disso, ao considerar dados empíricos, pesquisas destacam consistentemente as disparidades salariais, a sub-representação de mulheres em cargos de liderança e as diferenças nas oportunidades de desenvolvimento profissional. Esses dados tangíveis corroboram as observações da psicanálise, fornecendo evidências concretas das desigualdades de gênero que permeiam as estruturas organizacionais. A análise psicanalítica das relações de poder no ambiente de trabalho, sob a perspectiva de Lacan, não é apenas um exame superficial das estruturas visíveis, mas uma exploração das camadas profundas que influenciam as experiências individuais e coletivas. A abordagem simbólica não apenas desvenda as complexidades das desigualdades de gênero, mas também oferece um entendimento mais abrangente das tensões psíquicas que surgem nesse contexto (CALICH, 2015).

Consequentemente, a intervenção no âmbito psicossocial no ambiente de trabalho se torna uma necessidade imperativa. A desconstrução das estruturas simbólicas que perpetuam as desigualdades de gênero

requer uma abordagem holística, incorporando tanto políticas organizacionais quanto mudanças culturais profundas. Isso implica não apenas em promover a igualdade salarial e representatividade, mas também em transformar as narrativas simbólicas que moldam as percepções de gênero.

Portanto, a análise psicanalítica das relações de poder no ambiente de trabalho, ancorada nas contribuições de Lacan (1986), e Freud (1996c), desvela uma paisagem intrincada de símbolos, normas e lutas psíquicas. A complexidade dessas dinâmicas exige uma abordagem multidisciplinar, integrando não apenas os conceitos psicanalíticos, mas também dados concretos e intervenções práticas para promover ambientes de trabalho mais equitativos e saudáveis.

O Complexo de Édipo e a reprodução das desigualdades

Ao mergulhar nos intrincados meandros do Complexo de Édipo proposto por Freud (1996b), somos confrontados com uma teia complexa de influências que moldam não apenas as dinâmicas familiares, mas também ecoam ao longo da vida, deixando uma marca profunda na construção das identidades de gênero. Este conceito, central na teoria psicanalítica, é uma peça crucial para entender como as desigualdades de gênero são internalizadas e reproduzidas ao longo do tempo, influenciando significativamente a experiência feminina, especialmente no contexto profissional. Segundo Bento (2006, p. 231):

O Complexo de Édipo, concebido por Sigmund Freud, emerge como uma peça-chave na compreensão das dinâmicas psíquicas que moldam as relações entre pais e filhos. Este subtítulo propõe uma análise aprofundada dessa teoria psicanalítica e sua conexão intrínseca com a reprodução das desigualdades de gênero. Ao mergulharmos nas complexas camadas do Complexo de Édipo, exploraremos como as dinâmicas familiares e sociais contribuem para a perpetuação de padrões desiguais, exercendo um impacto significativo na psique feminina, especialmente no contexto profissional.

A fase do Complexo de Édipo, que ocorre durante os primeiros anos da infância, é um período sensível em que as crianças começam a formar suas identidades em relação às figuras parentais. Para as meninas, isso implica em um processo complexo de desenvolvimento emocional e sexual, onde o pai representa uma figura de desejo, enquanto a mãe, uma figura de rivalidade. No entanto, é crucial notar que o Édipo não é um fenômeno exclusivamente individual; ele é inextricavelmente entrelaçado com as normas de gênero da sociedade. O pai, nesta fase, não é apenas um progenitor, mas também a personificação da autoridade masculina, carregando consigo as expectativas culturais de masculinidade. Da mesma forma, a mãe, além de ser uma figura materna, representa as normas e expectativas associadas à feminilidade. Assim, o Complexo de Édipo não apenas reflete dinâmicas familiares; ele é um microcosmo das normas de gênero culturalmente determinadas.

O que é essencial nesta fase é a internalização das normas de gênero. O pai, como figura paterna, representa não apenas uma entidade individual, mas também a personificação das normas sociais e culturais associadas à masculinidade. Da mesma forma, a mãe personifica as expectativas femininas. Assim, o Complexo de Édipo não é apenas uma questão de dinâmicas familiares; é uma imersão nas normas de gênero culturalmente determinadas (BLEICHMAR, 1994, p. 213).

A internalização dessas normas ocorre de maneira profunda durante o Complexo de Édipo. As meninas, ao se depararem com a autoridade masculina representada pelo pai, começam a internalizar não apenas a figura paterna, mas também as expectativas sociais associadas à masculinidade. O desejo pela aprovação do pai muitas vezes implica na internalização dessas expectativas, criando uma base para a construção da identidade de gênero. Não obstante,

A internalização dessas normas de gênero, muitas vezes, ocorre de maneira mais intensa para as meninas, perpetuando estereótipos e limitações de gênero desde a infância. O pai, como figura de poder, não apenas representa uma entidade individual, mas também incorpora a autoridade masculina que molda as expectativas sociais sobre o papel das mulheres (BLEICHMAR, 1994, p. 216).

O desafio surge quando esse processo de internalização ocorre em um contexto social onde as desigualdades de gênero são proeminentes. As normas patriarcais e estereótipos de gênero se entrelaçam com as dinâmicas familiares, amplificando a intensidade da internalização. O Complexo de Édipo, ao invés de ser uma fase de desenvolvimento psicosexual neutra, torna-se um veículo para a reprodução de padrões desiguais desde a infância. No contexto profissional, as repercussões desse processo de internalização do Complexo de Édipo são notáveis. A autoridade masculina, internalizada durante a infância, continua a influenciar a percepção das mulheres sobre o poder e a liderança no ambiente de trabalho. A figura masculina, que foi associada ao pai durante

o Édipo, é transposta para o contexto profissional, criando uma predisposição para associar posições de liderança com características tradicionalmente consideradas masculinas:

A relação entre o Complexo de Édipo e a reprodução das desigualdades de gênero torna-se ainda mais intrincada quando consideramos as dinâmicas sociais. A sociedade, ao modelar as expectativas sobre o que é apropriado para homens e mulheres, influencia diretamente as dinâmicas familiares e, por conseguinte, o desenvolvimento psicosssexual. As meninas, ao internalizarem as normas de gênero representadas no Complexo de Édipo, não apenas reproduzem padrões desiguais na esfera familiar, mas também os perpetuam em suas interações sociais mais amplas (CARVALHO, 2001, p. 54).

As dinâmicas sociais e familiares contribuem para a complexidade do Édipo quando contextualizadas em sociedades que perpetuam estereótipos de gênero. As meninas, ao internalizarem a autoridade masculina e as expectativas de feminilidade, muitas vezes perpetuam esses padrões em suas interações sociais. No ambiente de trabalho, isso se traduz em um ciclo repetitivo de reprodução de desigualdades de gênero, onde as mulheres, mesmo inconscientemente, contribuem para a manutenção de estruturas que as marginalizam.

A internalização dessas normas de gênero não é uma escolha consciente; é um processo profundamente enraizado no inconsciente. A psicanálise destaca que esses padrões internalizados podem ser desafiados e desconstruídos através da análise e reflexão. A psicoterapia oferece um espaço onde as mulheres podem explorar essas influências inconscientes, questionar normas de gênero prejudiciais e reconstruir uma narrativa mais autêntica e capacitadora (CARVALHO, 2001, p. 76).

Entender o papel do Complexo de Édipo na reprodução das desigualdades de gênero requer uma apreciação da persistência dessas dinâmicas ao longo da vida. As influências internalizadas na infância continuam a moldar as percepções e comportamentos na idade adulta. A luta das mulheres para reconciliar essas influências com suas aspirações profissionais e pessoais cria uma tensão psíquica que muitas vezes se manifesta em desafios de autoconfiança e na síndrome da impostora. Nesse sentido:

A análise psicanalítica também destaca o papel das defesas psíquicas na perpetuação desses padrões. A identificação projetiva, por exemplo, é um mecanismo através do qual as mulheres podem internalizar estereótipos de gênero como uma forma de se encaixarem em estruturas existentes. Essas defesas, embora inicialmente protetoras, tornam-se agentes perpetuadores de desigualdades quando não são questionadas e analisadas (CHAVES, 2008, p. 165).

A dinâmica do Complexo de Édipo não é estática; ela evolui ao longo da vida. O que é internalizado na infância continua a influenciar as percepções e comportamentos na idade adulta. As mulheres, muitas vezes, enfrentam uma luta constante para reconciliar essas influências internalizadas com suas aspirações profissionais e o desejo de igualdade. O impacto psíquico dessa luta é evidente em questões como a síndrome da impostora, onde as mulheres duvidam de suas conquistas, temendo serem expostas como não merecedoras do sucesso.

A psicanálise também alerta para o papel das defesas psíquicas na reprodução das desigualdades de gênero. Os mecanismos de defesa, como a identificação projetiva, são acionados para manter as normas de gênero internalizadas durante o Complexo de Édipo. As mulheres, muitas vezes, internalizam a visão patriarcal do mundo para se encaixarem no sistema existente, mesmo que isso signifique a renúncia a partes de sua autenticidade (CHAVES, 2008, p. 43).

Em síntese, o Complexo de Édipo não é apenas um conceito psicanalítico isolado; é uma lente através da qual podemos entender a interseção complexa entre dinâmicas familiares, sociais e profissionais na reprodução das desigualdades de gênero. A psicanálise, ao destacar a natureza profundamente enraizada desses padrões, oferece não apenas uma compreensão teórica, mas também aponta para a importância da introspecção e análise contínua para desafiar e transformar essas influências internalizadas. O Complexo de Édipo, assim, não apenas molda a psique feminina, mas também nos instiga a questionar e remodelar as narrativas de gênero que perpetuam desigualdades.

O Complexo de Édipo emerge como um componente crítico na análise da reprodução das desigualdades de gênero. Este conceito, central na teoria freudiana, não apenas delinea as dinâmicas familiares, mas também oferece uma lente para entender como as normas de gênero são internalizadas e reproduzidas ao longo da vida. Não obstante, a esfera profissional, como uma extensão da sociedade, reflete e perpetua essas dinâmicas, impactando profundamente a psique feminina e a busca por igualdade no ambiente de trabalho (CHAVES, 2008).

A angústia e a saúde mental feminina no trabalho

A angústia, sob a lente da teoria psicanalítica, emerge como uma força motriz complexa e multifacetada que permeia a experiência das mulheres no ambiente de trabalho. Tanto as contribuições de Freud (1996d, 1996e), quanto de Lacan (2005, 1992), são essenciais para compreender a natureza intrínseca da angústia e seu impacto na saúde mental feminina. Este segmento busca desvendar as camadas psíquicas da angústia no contexto profissional, explorando as identificações, os mecanismos de defesa e os enfrentamentos frente às desigualdades de gênero. Segundo Dornelles (2010, p. 11):

A teoria freudiana sobre a angústia se enraíza na dualidade entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. A angústia, para Freud, surge quando o indivíduo é confrontado com uma situação que ameaça seu equilíbrio psíquico. No contexto profissional das mulheres, essa ameaça muitas vezes está intrinsecamente ligada às dinâmicas de poder, estereótipos de gênero e desigualdades estruturais.

A angústia, nesse sentido, não é apenas uma reação isolada a um evento específico, mas uma resposta a uma constelação de fatores que moldam a experiência profissional das mulheres. A ameaça à identidade, à autoestima e à realização pessoal no trabalho cria uma base para a angústia se instalar. A falta de reconhecimento, as disparidades salariais e a sub-representação em cargos de liderança são elementos que alimentam essa angústia, erodindo silenciosamente o bem-estar psicológico das mulheres.

Os mecanismos de defesa, conforme delineados por Freud, tornam-se instrumentos cruciais na gestão da angústia. A negação, a projeção e a sublimação, entre outros, são estratégias psíquicas que as mulheres, muitas vezes, empregam para lidar com as tensões do ambiente de trabalho. A negação, por exemplo, pode ser observada na minimização das desigualdades de gênero, uma tentativa de reduzir a ansiedade associada à consciência dessas disparidades (PERROT, 2005, p. 20).

A projeção, conforme Freud, (1996f) por outro lado, pode manifestar-se na atribuição de características negativas a outras mulheres, perpetuando, assim, estereótipos de gênero prejudiciais. A internalização das normas patriarcais muitas vezes leva as mulheres a (re)produzirem, inconscientemente, padrões que contribuem para a manutenção das desigualdades. A sublimação (FREUD, 1996f), como um mecanismo de defesa, pode se manifestar na canalização da angústia para a busca incessante de realizações profissionais, uma tentativa de compensar as limitações impostas pelo ambiente de trabalho. Para Saffioti (2004, p. 44):

Lacan, ao expandir as ideias de Freud, adiciona uma dimensão simbólica à compreensão da angústia. A angústia lacaniana é intrinsecamente ligada à perda, ao vazio e à confrontação com a falta fundamental na experiência humana. No ambiente de trabalho, essa falta muitas vezes se manifesta como a ausência de equidade, justiça e reconhecimento para as mulheres. A angústia lacaniana, portanto, transcende o domínio do individual para se tornar um fenômeno coletivo, enraizado nas estruturas simbólicas que perpetuam as desigualdades de gênero.

A identificação, um conceito central em Lacan (2003), surge como um componente significativo na experiência da angústia. As mulheres, ao se identificarem com as figuras de poder masculinas para mitigar a angústia, muitas vezes se veem em um processo de alienação de suas próprias identidades. A busca pela aprovação no ambiente de trabalho muitas vezes implica a adoção de padrões masculinos de comportamento, levando a uma fragmentação da autenticidade e uma intensificação da angústia. Nesse sentido, a angústia, conforme considera Lacan, está enraizada na falta, e essa falta é muitas vezes exacerbada nas mulheres devido às desigualdades estruturais. A busca incessante por reconhecimento e validação no trabalho, muitas vezes em um ambiente que não valoriza devidamente as contribuições femininas, cria uma espiral de angústia que permeia a psique feminina e influencia profundamente a saúde mental. As identificações com normas e expectativas sociais moldadas pela cultura patriarcal tornam-se um campo de batalha psíquico para as mulheres. A representação simbólica de poder e sucesso muitas vezes é personificada por padrões masculinos, o que leva as mulheres a internalizar esses padrões como uma estratégia de adaptação para enfrentar a angústia gerada pela falta de reconhecimento igualitário (SAFFIOTI, 2004).

No entanto, essa adaptação não é isenta de consequências para a saúde mental. O conflito entre a necessidade de conformidade com normas de gênero e a busca por uma autenticidade pessoal cria uma tensão constante. Essa tensão, muitas vezes não reconhecida conscientemente, é um caldo de cultura para a ansiedade, a depressão e outros desafios psicológicos. Sobre a angústia no ambiente de trabalho, Nogueira (2004, p. 87) afirma que:

A angústia no ambiente de trabalho também está interligada com a representação da mulher na cultura organizacional. Lacan argumenta que a angústia está vinculada à representação simbólica da falta, e no contexto profissional, essa falta pode ser expressa na sub-representação das mulheres em posições de liderança. A ausência de modelos femininos de sucesso contribui para uma falta simbólica na identificação profissional das mulheres, exacerbando a angústia ao questionar a validade de suas aspirações e competências.

As dinâmicas de poder no ambiente de trabalho, quando analisadas sob a perspectiva da angústia, revelam uma interação complexa entre o indivíduo e as estruturas simbólicas que permeiam a cultura organizacional. A angústia feminina muitas vezes é potencializada pela falta de reconhecimento de suas contribuições, pela representação simbólica de poder masculino e pela constante necessidade de se adaptar a normas que não refletem plenamente a diversidade e complexidade da experiência feminina. Para Hirata (2007, p. 66):

A psicanálise, ao oferecer ferramentas conceituais para explorar essas dinâmicas, também aponta para a importância da análise e reflexão individual. A compreensão consciente da angústia, das identificações inconscientes e dos mecanismos de defesa pode ser o primeiro passo para transformar a relação das mulheres com o trabalho e para desafiar as estruturas que perpetuam desigualdades.

Além disso, as intervenções psicossociais no ambiente de trabalho desempenham um papel crucial. A promoção de ambientes inclusivos, a criação de políticas que reconheçam e abordem as disparidades de gênero, e o fomento de modelos de liderança diversos são estratégias que podem contribuir para a redução da angústia e para a promoção da saúde mental das mulheres no trabalho. Em síntese, a análise psicanalítica da angústia no contexto profissional, ancorada nas teorias de Freud e Lacan, proporciona uma compreensão profunda das tensões psíquicas enfrentadas pelas mulheres. A angústia não é apenas uma resposta individual a eventos isolados, mas uma experiência intrinsecamente conectada às normas de gênero, à representação simbólica de poder e às dinâmicas estruturais do ambiente de trabalho. Ao reconhecer e abordar esses aspectos, pode-se criar um caminho para a transformação das relações de gênero no trabalho e para a promoção de ambientes mais saudáveis e equitativos.

O papel do analista na transformação psíquica e social

No âmbito da psicologia, e mais especificamente da psicanálise, a figura do analista emerge como um agente de transformação psíquica e social. A responsabilidade do profissional de psicologia vai além da compreensão e interpretação dos processos inconscientes individuais; ela se estende à promoção de mudanças que reverberam não apenas na esfera pessoal, mas também na sociedade em geral. Este segmento se propõe a explorar o papel do analista na promoção da equidade de gênero no ambiente de trabalho, destacando como a intervenção psicanalítica pode ser um catalisador para transformações significativas na saúde mental das mulheres. Conforme Hirata (2007), a psicanálise, desde sua concepção por Freud, tem como um de seus objetivos fundamentais a exploração do inconsciente, o entendimento das dinâmicas psíquicas e a promoção da saúde mental. No contexto das desigualdades de gênero, o analista se depara com a tarefa complexa de desvelar os processos inconscientes que contribuem para a manutenção de padrões discriminatórios. A análise individual permite que as mulheres expressem e compreendam suas experiências, identificações e conflitos, lançando luz sobre os mecanismos psíquicos que podem estar enraizados nas normas de gênero.

A escuta ativa do analista, permeada pela empatia e compreensão, proporciona um espaço seguro para as mulheres explorarem as complexidades de suas identidades em um mundo em que as expectativas muitas vezes são limitadas por estereótipos de gênero. O processo terapêutico não é apenas um mergulho na psique individual; é também uma oportunidade para desconstruir e desafiar as normas sociais que moldam a experiência das mulheres. A análise individual, ao questionar as identificações internalizadas e as defesas psíquicas, cria um terreno fértil para a transformação psíquica. Nesse sentido:

O analista, portanto, assume o papel de facilitador no processo de tomada de consciência. A consciência das influências inconscientes das estruturas de poder de gênero pode ser o primeiro passo em direção a uma transformação mais ampla. Ao desvelar a relação entre os padrões internalizados e as dinâmicas sociais, o analista capacita as mulheres a se distanciarem das normas que as limitam, promovendo uma redefinição de identidade que vai além dos estereótipos de gênero (MEZAN, 1998, p. 40).

A intervenção psicanalítica não se limita ao consultório; ela estende seus efeitos para a esfera social. O analista, ao equipar as mulheres com uma compreensão mais profunda de suas experiências, fortalece-as para enfrentarem as estruturas discriminatórias no ambiente de trabalho. A transformação psíquica, quando

acompanhada por uma conscientização social, pode se tornar um agente poderoso na promoção da equidade de gênero. Segundo Antunes (1995, p. 91):

A psicanálise de Lacan, com seu foco na linguagem e nas estruturas simbólicas, adiciona uma dimensão valiosa a essa transformação. O analista lacaniano, ao explorar as formas como as mulheres são simbolizadas na linguagem, desafia as representações tradicionais que perpetuam a desigualdade. A linguagem, como veículo de poder, é também uma arena de resistência. O analista, ao questionar as narrativas simbólicas que limitam as mulheres, desempenha um papel crucial na desconstrução das normas de gênero na sociedade.

A dimensão social da psicanálise é intrínseca à sua prática. A transformação psíquica, quando vista através de uma lente social, torna-se uma força propulsora para a mudança estrutural. O analista, ao trabalhar com mulheres para desafiar e reconstruir suas narrativas pessoais, contribui para um movimento mais amplo de redefinição das narrativas culturais sobre as mulheres e seu papel no trabalho. Além da análise individual, o analista também pode desempenhar um papel vital na conscientização coletiva. O trabalho em grupos terapêuticos, por exemplo, proporciona um espaço para mulheres compartilharem suas experiências, identificarem padrões comuns e desenvolverem estratégias de enfrentamento conjuntas. Esse aspecto social da intervenção psicanalítica é essencial para a construção de uma consciência coletiva que desafia as estruturas discriminatórias.

A psicanálise, ao focar na complexidade das identidades e na dinâmica das estruturas simbólicas, oferece uma abordagem única para a promoção da equidade de gênero. A transformação psíquica, quando orientada por uma consciência crítica das normas de gênero, não é apenas um processo individual; é uma força catalisadora para a mudança social. O analista, ao abraçar essa perspectiva ampliada, torna-se um agente não apenas da saúde mental individual, mas também da transformação social rumo a ambientes de trabalho mais justos e equitativos (DEJOURS, 1992, p. 51).

A prática analítica, orientada para a transformação psíquica e social, abraça uma abordagem holística que vai além do consultório. O analista, consciente das interconexões entre o psíquico e o social, busca não apenas aliviar o sofrimento individual, mas também fomentar uma consciência crítica que desafie as estruturas que perpetuam as desigualdades de gênero. De forma análoga,

A análise individual proporciona um espaço seguro para as mulheres explorarem não apenas suas dificuldades pessoais, mas também as influências sociais que moldam suas experiências. Ao desvendar as camadas mais profundas do inconsciente, o analista capacita as mulheres a reconhecerem as normas de gênero internalizadas, possibilitando uma reavaliação consciente de seus papéis no trabalho e na sociedade (SAFFIOTI, 2004, p. 12).

A linguagem, no contexto lacaniano, é compreendida como um instrumento de poder que contribui para a construção das identidades. O analista, ao trabalhar com mulheres para desafiar as narrativas simbólicas que historicamente as limitaram, desempenha um papel ativo na desconstrução dos estereótipos de gênero. A análise lacaniana não apenas explora as formas como as mulheres são representadas na linguagem, mas também questiona as estruturas simbólicas que perpetuam a subalternização das mulheres no ambiente de trabalho. Segundo Nogueira (2004, p. 98):

A dimensão social da prática analítica se expande para além do setting terapêutico individual. A inclusão de abordagens de grupo oferece uma oportunidade para as mulheres compartilharem suas experiências e desenvolverem estratégias coletivas de enfrentamento. O analista, ao facilitar esses espaços de diálogo e reflexão, contribui para a construção de uma consciência coletiva que desafia as estruturas discriminatórias. Essa abordagem social é particularmente relevante, pois reconhece que as desigualdades de gênero não são apenas fenômenos individuais, mas questões sistêmicas que demandam uma resposta coletiva.

A prática analítica também pode se estender para a esfera organizacional. Consultorias psicológicas especializadas podem ser implementadas para abordar dinâmicas de gênero tóxicas e promover ambientes de trabalho mais inclusivos. O analista, ao colaborar com empresas e organizações, pode influenciar políticas e práticas que fomentem a equidade de gênero. Isso inclui a promoção de programas de liderança inclusiva, a implementação de estratégias para lidar com discriminação de gênero no local de trabalho e a criação de políticas salariais transparentes e equitativas.

Além disso, o analista pode desempenhar um papel significativo na educação e sensibilização. Palestras, workshops e programas de treinamento podem ser desenvolvidos para sensibilizar líderes e colaboradores sobre

questões de gênero, desconstruindo mitos e estereótipos que permeiam o ambiente profissional. Essa abordagem educativa não apenas visa à conscientização, mas também à transformação cultural, desafiando as normas tradicionais de gênero e promovendo uma cultura organizacional mais igualitária. A prática analítica, portanto, transcende o indivíduo para se tornar uma força propulsora de mudanças sociais significativas. Ao abordar as raízes psíquicas das desigualdades de gênero e ao estender sua influência para além do consultório, o analista se torna um agente ativo na construção de um mundo mais equitativo para as mulheres. Essa abordagem não é apenas terapêutica; é também um chamado à ação, à advocacia e à transformação cultural (HIRATA, 2007, p. 64).

Em síntese, o papel do analista na promoção de transformações psíquicas e sociais vai além da cura individual; é uma busca pela mudança sistêmica. Ao explorar as interconexões entre o psíquico e o social, a prática analítica se torna um instrumento poderoso para desafiar as normas de gênero, transformar as identidades femininas e promover ambientes de trabalho mais justos e equitativos. Essa abordagem integrativa e proativa é crucial para enfrentar as complexas questões de desigualdade de gênero no século XXI.

II. Considerações Finais

Este artigo elucidou a profundidade das questões analisadas e a relevância de se compreender as dinâmicas psíquicas associadas à construção do gênero e desigualdade de gênero no âmbito profissional. Através da lente de Freud e Lacan, exploramos a formação da identidade de gênero, as relações de poder, o Complexo de Édipo, a angústia e, por fim, o papel crucial do analista na promoção de transformações psíquicas e sociais.

Ao desvelar o inconsciente nas relações de poder, foi possível observar como as desigualdades de gênero se manifestam no contexto profissional, influenciando diretamente a saúde mental das mulheres. A contribuição de Lacan revelou a importância das estruturas simbólicas na compreensão dessas dinâmicas, destacando a necessidade de desconstruir narrativas que perpetuam estereótipos e normas prejudiciais.

A análise do Complexo de Édipo trouxe à tona a complexidade das dinâmicas familiares e sociais que contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero. Ao examinar essas dinâmicas, compreendemos como padrões desiguais são internalizados desde a infância, moldando a psique feminina no contexto profissional.

A abordagem da angústia no ambiente de trabalho permitiu uma reflexão sobre os componentes centrais da experiência das mulheres, considerando tanto a teoria freudiana quanto a contribuição de Lacan. A angústia, como revelada nesta análise, está intrinsecamente ligada às desigualdades de gênero, e os mecanismos de defesa são acionados para lidar com as tensões resultantes da falta de reconhecimento e representatividade.

Finalmente, ao discutir o papel do analista na transformação psíquica e social, reconhecemos a importância do profissional de psicologia na promoção de mudanças significativas. A intervenção psicanalítica, não apenas como um meio de compreensão individual, mas também como uma força propulsora de conscientização coletiva, destaca a necessidade de abordagens integrativas que transcendam o ambiente clínico. Ademais, este artigo oferece uma contribuição substancial para o entendimento das complexas interações entre gênero, psique e ambiente de trabalho. As reflexões apresentadas sugerem não apenas a importância da conscientização individual, mas também a necessidade de mudanças sociais mais amplas. A psicanálise emerge como uma ferramenta valiosa para desvendar e desafiar as normas que perpetuam as desigualdades, promovendo não apenas a saúde mental das mulheres, mas também uma transformação cultural em direção à equidade de gênero.

Referências

- [1]. ANTUNES, R.C. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas- SP. Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- [2]. ARÁN, Márcia. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- [3]. AZERÉDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, pp. 175-188. 2010.
- [4]. BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- [5]. BLEICHMAR, Sílvia. **A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- [6]. BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- [7]. CARVALHO, Maria Teresa de Melo. Transtornos da memória e fracasso do recalamento na clínica psicanalítica da criança. **Psychê**, Ano V, n. 8. 2001.
- [8]. CHAVES, Eliana Lorentz. **Violência, agressividade e dominação: uma reflexão psicanalítica sobre a masculinidade.** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP. 2008.
- [9]. DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: um estudo sobre a psicopatologia do trabalho.** São Paulo: Cortez- Oboré, 1992.
- [10]. DIMEN, Goldner. **Gênero e Sexualidade.** **Revista Estudos Feministas**, v. 18, pp. 175-188, 2007.
- [11]. FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905) (Volume 7)** Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996a.
- [12]. FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos (I) (1900), Volume 4:** Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996b.
- [13]. FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos (1920-1922) (Volume 18).** Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996c.
- [14]. FREUD, Sigmund. **Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros Trabalhos (1925-1926) (Volume 20).** Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996d.

- [15]. FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-estar na Civilização e Outros Trabalhos** (1927-1931) (Volume 21), Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996c.
- [16]. FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (Volume 22), Imago Editora: Rio de Janeiro, 1996f.
- [17]. HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs). **Organização, Trabalho e Gênero**. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- [18]. MEZAN, R. A árvore da psicanálise. In: MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos** (4a ed., pp. 151-250). São Paulo: Perspectiva, 1998.
- [19]. NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes. (Orgs). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- [20]. LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Zahar: Rio de Janeiro, 1985.
- [21]. LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Zahar: Rio de Janeiro, 1999.
- [22]. LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Zahar: Rio de Janeiro, 1992.
- [23]. LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro**. Zahar: Rio de Janeiro, 2008.
- [24]. LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud**. Zahar: Rio de Janeiro, 1986.
- [25]. LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: A Angústia**. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- [26]. LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 9: A Identificação**. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- [27]. LATTANZIO, F. F. Devir-mulher e transformação social: novos modos de subjetivação? In: **Anais do XIII Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica: das solidões às solidariedades**. Belo Horizonte, vol. 1, p. 37. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/JYwhnCjgF37vgDWRyZFFmFC/>. Acesso em: 05 out. 2023.
- [28]. PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- [29]. SANTOS, Beatriz. Normatividade, gênero e teoria psicanalítica: uma reflexão sobre a criação de palavras novas. **Ágora** (Rio J.) 21 (1) Abr. 2019.
- [30]. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- [31]. SCOTT, Johan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**, 16(2), 5-22, 1990.